

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte GAZETA DO POVO

Class.: 697

Data 10/07/81

Pg.: \_\_\_\_\_

## Índios destroem portaria de exoneração de Villas-Boas

BAURU -- Os 220 índios que ocupam a 12.ª Delegacia Regional da Funai, em Bauru, resgataram ontem a portaria de exoneração do sertanista Alvaro Villas Boas e nomeação do tenente José Carlos Alves para o cargo de delegado, assinada pelo presidente do órgão, Jurandy Marcos da Fonseca. O ato de protesto deu-se na porta do prédio, logo após a chegada do malote, e, depois da destruição do documento, aqueles que participaram diretamente saltavam de mãos para o alto, gritando "queremos Alvaro". Ao mesmo tempo, em virtude do não comparecimento do presidente ao local, os 12 caciques ali reunidos encaminhavam novo ultimato a Brasília, dizendo a Jurandy que "estamos aguardando a sua vinda sem falha" e recusando o avião que a Funai colocou à disposição para eles irem a Brasília.

Depois do radiograma que encaminharam no domingo, em que chamavam o presidente a Bauru, os caciques passaram outra comunicação pela manhã, quando ainda esperavam por Jurandy Fonseca, afirmando: "Não aceitamos outra pessoa a não ser o senhor". Tal mensagem foi elaborada depois que, às seis horas, chegou à delegacia o chefe da assistência da Funai no Estado do Acre, Dimas Valenise, que trajava um elegante terno e disse aos índios que ali se encontrava para apoiá-los mas foi retirado do prédio à força, porque os ocupantes desconfiaram estar ali a serviço do presidente e que esse não viria. Valenise sumiu e sua participação no episódio acabou sem esclarecimento.

A comunicação de Brasília para os índios chegou só às 13 e 5min, quando todos já estavam muito revoltados com o silêncio da presidência. Assinado pelo chefe de gabinete, Marcos Terena, o comunicado informava que o presidente Jurandy Fonseca não poderia vir hoje a Bauru, porque se encontrava numa reunião, "marcada há dias", em São Luiz do Maranhão, para tratar do projeto Carajás, e que agradecia o "convite" e dizia da disposição do presidente recebê-lo amanhã (hoje) em Brasília, "como chefes", para o que

colocava o avião da Funai à disposição.

Em vez de acalmar os ânimos, o comunicado serviu para acirrá-los. Dezenas de índios municiaram-se de pedaços de pau e marcharam na frente da delegacia, anunciando que estavam entrando em estado de guerra. Ao mesmo tempo os caciques se reuniam e decidiam não ir a Brasília e fazer nova convocação ao presidente para comparecer pessoalmente a Bauru. A oferta do avião foi recusada e, no telegrama encaminhado no final da tarde ao presidente, os caciques afirmam: "Nós achamos que uma vez que o senhor estará em Brasília hoje, é mais fácil o deslocamento do Senhor para cá". Lembraram, depois, que seria mais econômico a vinda do presidente, pois a aeronave faria apenas uma viagem de Brasília a Bauru, ida e volta, enquanto para a ida dos índios teria que vir buscá-los e em seguida trazê-los de volta, com o dobro das despesas. Outra coisa: pelo menos 100 dos 220 índios presentes manifestaram o desejo de viajar à capital, o que determinaria a necessidade de a Funai enviar um "Boeing" não um avião pequeno.

Terminada a reunião, o cacique Ademir Pedro, bastante irritado, lembrava que na sexta-feira, quando se deu a ocupação da delegacia, ele próprio conseguiu falar com o presidente pelo telefone e que Jurandy prometeu vir a Bauru discutir o assunto com os índios. "Mas não cumpriu. Será que ele é criança? Um homem que veste calça comprida tem que cumprir sua palavra" -- sentenciou. Outro participante, o cacique Mário Jacinto, entende que "é desaforo ir lá se eles sempre atendem os outros índios. Vamos ficar aqui até a solução". O cacique Antonio Barbosa também advertiu: "O Jurandy não vai fazer índio de palhaço", dizendo que permanecerão na delegacia indefinidamente.

Apesar da revolta, os caciques e os próprios índios fazem questão de afirmar que o presidente pode vir sem medo, que nada lhe acontecerá.